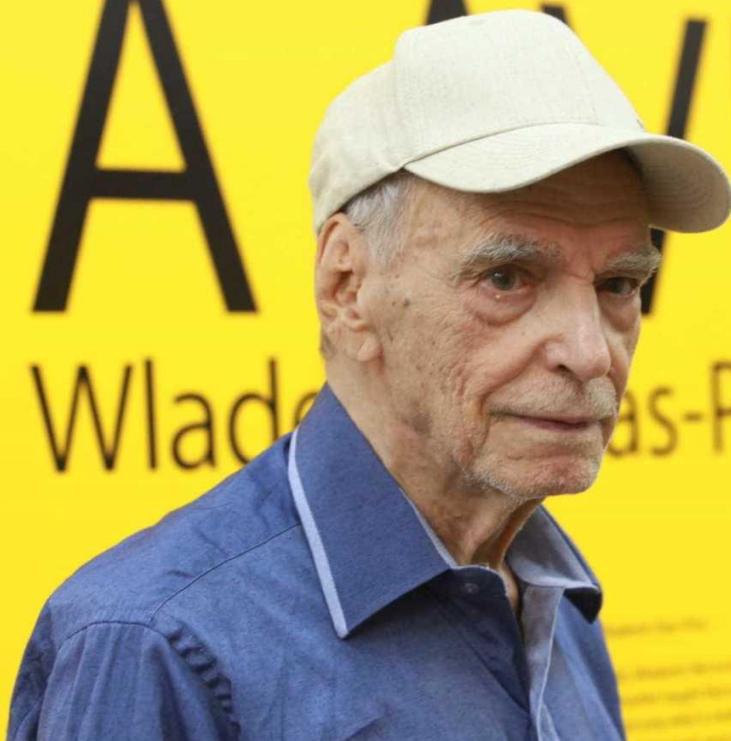


Caderno de Cultura Nódoa no Brim

O VOO POEMÁTICO-VISUAL DE WLADEMIR DIAS-PINO

Isaac Ramos (UNEMAT)



A história da Literatura é um mosaico dos estudos literários, da crítica literária, teoria literária e, sobretudo, da formação do cânone. No Brasil, a partir da segunda metade do século XX, o poema discursivo (apenas escrito em versos) passa por algumas cisões e abre caminho para experimentações poético-visuais. Evidentemente, houve reações da crítica literária, seja ignorando solenemente os movimentos ou procurando depreciar as vanguardas poéticas dizendo que aquilo não era literatura. Transcorreram décadas, desde meados dos anos 50, e esse panorama não mudou muito. Nesse momento penso nos versos de Manuel Bandeira: “Estou farto do lirismo comedido/ Do lirismo bem comportado / (...) – Não quero mais saber do lirismo que não é libertação”.

É nesse contexto que surge o nome do poeta carioca/mato-grossense Wladimir Dias-Pino, cujas primeiras produções poéticas aconteceram em Cuiabá, em Mato Grosso, com as publicações: *A fome dos lados* (1940), poema em forma de livro que se abre na vertical, e *A máquina que ri* (1941), que explorava a horizontalidade da página branca. (Registro que estes livros foram objeto de estudo de uma primorosa dissertação de mestrado de Sérgio Dalate, pela UNESP); *Dia da Cidade* (1948), livro-poema que espacializa as palavras e os versos que o compõem. O autor mencionou, em entrevista a Paulo Silveira, em 1999, que essa teria sido a obra que o ajudou a pensar o livro *A ave*, publicação que o levou a ser convidado a participar da ENAC (Exposição Nacional da Arte Concreta). Silveira afirma que o referido livro “é possivelmente o primeiro livro de artista brasileiro pleno, que se autocomenta, concebido e executado integralmente por um único artista, dependente da sequencialidade das páginas e inadaptável para outros meios” (SILVEIRA, 2008, p.177). Trata-se de um produto da arte contemporânea. Tal livro tem sido objeto de estudo em diversas áreas, principalmente arte e design, posto que envolve conceitos a partir do objeto livro ou livro de arte. Foi impresso em 1955 e lançado em 1956, com edição limitada de trezentos exemplares. O autor nunca o reeditou.

Esse poeta, recentemente falecido, foi um dos principais responsáveis pelo surgimento do Intensivismo, movimento literário surgido em Mato Grosso, no final da década de 40, com manifesto publicado em dois números da revista *Sarã*. Somente depois veio o Concretismo (1956) em todas as suas fases e segmentos; Neo-Concretismo (1959); Poema-Práxis (1962) e, finalmente, Poema-Processo (1967). Esses movimentos são fundamentais para a compreensão do Poema Visual, até os dias de hoje.

Poema Processo

Wladimir Dias Pino



Caderno
de Cultura
"Nódoa no Brim"

Realização: **Diário da Serra**
O DIÁRIO DA NOTÍCIA

ISSN 2238-6467

UNEMAT Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários
Universidade do Estado de Mato Grosso

PPGEL

EDITORES

Walnice Vilalva é Pós-doutora em literatura pela USP, e doutora em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. É professora junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários-PPGEL.

Lilian Reichert Coelho é doutora em Letras. É professora da UNIR e colaboradora junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários.

Samuel Lima da Silva é doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários- PPGEL.

Maria Madalena da Silva Dias é graduada em letras e possui mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários-PPGEL.

Fabiola Tormes, direção e jornalismo do Diário da Serra.

site: <http://www.nodoanobrim.com.br/>
e-mail: wldiaspino@gmail.com

ENDEREÇO
Av. Tancredo Neves, 1247-W, Jardim do Lago II - Tangará da Serra - MT CEP: 78300-000
Fone (65) 3326-4724 Fax 3326-6501

O VOO POEMÁTICO-VISUAL DE WLADIMIR DIAS-PINO

Isaac Ramos (UNEMAT)

É importante frisar que de todos os movimentos de vanguarda citados, o único não contemplado na historiografia literária é o Intensivismo, realizado em Mato Grosso. Essa tarefa cabe aos pesquisadores contemporâneos no sentido de produzir, trabalhos na graduação e na pós-graduação, com o intuito de promover uma revalidação poética dessa vanguarda que surgiu no centro-oeste do Brasil.

O movimento concretista teve a I Exposição Nacional de Arte Concreta (ENAC), ocorrida em dezembro de 1956, na capital paulista e em fevereiro de 1957, na capital federal. Dos 28 participantes, 22 eram das artes plásticas, sendo três na condição de escultores, um como desenhista, uma gravadora e 15 pintores. No caso dos poetas, foram três por São Paulo e três pelo Rio de Janeiro. Haroldo de Campos, Augusto de Campos e Décio Pignatari participaram como integrantes do grupo *Noigandres*. Pela então capital federal, Ferreira Gullar, Wladimir Dias-Pino e Ronaldo Azeredo. É fundamental desmistificar o pensamento crítico de que o concretismo é paulista. O fato dos irmãos Campos e Décio Pignatari terem produzido manifestos (dois anos depois do movimento) e levado o nome para outros países não lhes dá o direito de se auto intitular os donos do que foi considerado o primeiro movimento literário surgido no Brasil.

Na ENAC, apresentou-se com a primeira versão do que viria a ser uma das suas principais obras experimentais: *Solida*. Único participante da exposição que decompôs as palavras em versões gráficas e geométricas. Na exposição de São Paulo ele apenas enviou seu trabalho artístico; na do Rio de Janeiro teve participação mais ativa. No ano de 2007, em conversa com este pesquisador, ele me afirmou, peremptoriamente, que *Solida* não seria propriamente uma obra de poesia concreta.

O procedimento de análise literária de poemas a que estamos nos referindo, devem levar em conta outros componentes, além dos conhecidos, como: o espaço, a visualidade, a estrutura sintática fragmentada, a sonoridade latente, a (des)montagem do objeto poema, entre outros. O que mudou, ao longo das épocas, foi o olhar sobre o objeto artístico. Esse passa a ser o grande desafio para quem se propõe a estudar a arte literária. Deve-se estar preparado para apurar os sentidos porque o cérebro humano também é midiático, sobretudo em tempos de arte digital. Wladimir Dias-Pino fez experimentações nessa área. Uma das suas parcerias frequentes foi com Regina Pouchain, companheira de vida e de arte nos últimos anos. Grande exemplo foi a exposição *Contrapoemas & Anfipoemas*, no Salão Oi Futuro, em 2008, no Rio de Janeiro.

Com relação aos livros *Os corcundas* (1954) e *A máquina ou a coisa em si* (1955), interessante conhecer as críticas de Augusto de Campos, Álvaro de Sá, Neide de Sá, Antonio Sérgio Mendonça, publicadas entre 1960 e 1980. De 1990 em diante, destacam-se estudiosos como Sergio Dalate, Philadelpho Menezes, Décio Galvão, Paulo Silveira, Vera Casa Nova, Rogério Camara, os quais privilegiaram a produção visual de Dias-Pino.

O poeta designer teve um comportamento estético de vanguarda até seus últimos trabalhos. Mesmo tendo liderado o Poema-Processo dizia, de forma incisiva, que o movimento não precisava de líderes. Mas ele o foi. E fizeram uma retirada estratégica, em 1972, antes que houvesse algum problema de liderança. Afinal era recente o conflito de vaidades em que havia se metido com ex-colegas do Concretismo paulista.

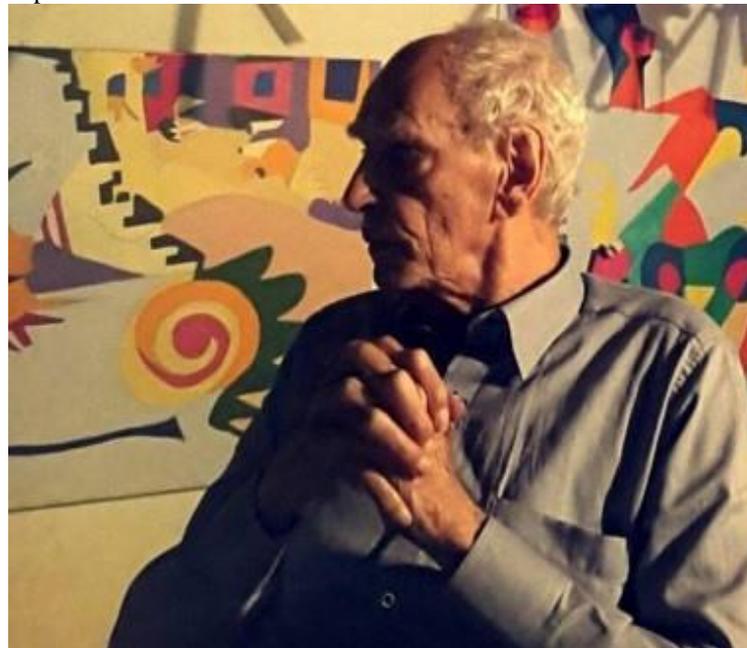
Ele e seus companheiros do Poema-Processo defendiam outra versão: a de que a retirada estaria ligada ao fato de o regime militar restringir cada vez mais atividades artísticas que pudessem servir como fatores de agregação da população civil diante da ditadura. Em conversa com este pesquisador, explicou-me como eles ludibriavam a censura na ditadura militar. Segundo ele, os censores não conseguiam compreender o nível de produção artística dele e de seus companheiros, por isso ficava fácil realizar exposições e fazer crítica ao regime militar. Todavia, teria chegado

um momento em que a situação se complicou. Destacou ainda a percepção do poeta Hugo Pontes, o qual disse que com a parada tática de 1972 do Poema-Processo, teria dado origem ao poema visual.



O transe visual de Wladimir Dias-Pino e Regina Pouchain

Ainda que as obras basilares do Poema-Processo tenham sido produzidas próximas à eclosão do movimento concretista, Wladimir Dias-Pino afirma que o livro *A ave* é intensivista. O Intensivismo surgiu em Cuiabá, em 1951, conforme manifesto publicado no jornal *Sarã*, cujos diretores eram Wladimir Dias-Pino, Othoniel Silva e Rubens de Mendonça. Tanto Wladimir quanto Othoniel escreveram textos teóricos sobre o Intensivismo. No tocante à obra *A ave*, ela teve várias versões, assim como *Solida*. Conheci algumas dessas versões na primeira vez que acessei o o blogue “Lambuja”, organizado pela poeta e fotógrafa Regina Pouchain, do Rio de Janeiro. No mesmo, havia sugestão de links para quem se interessasse em conhecer outros blogs de poemas visuais de autores que participaram do Poema-Processo e de trabalhos de todas as fases de Wladimir Dias-Pino. Pouco tempo depois tive contato físico com as obras.

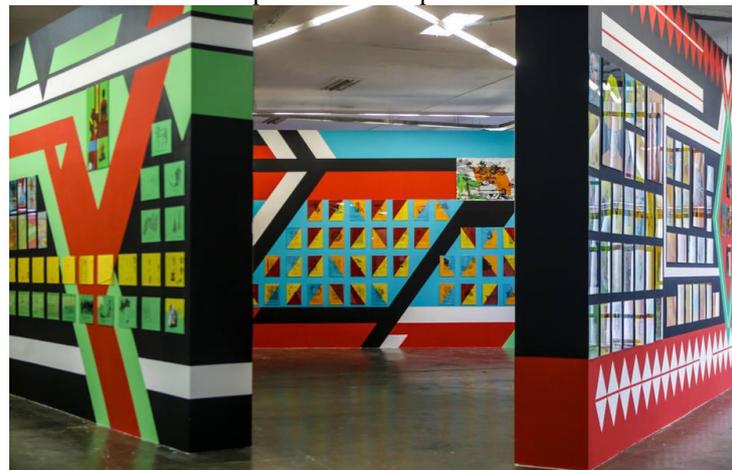


O VOO POEMÁTICO-VISUAL DE WLADEMIR DIAS-PINO

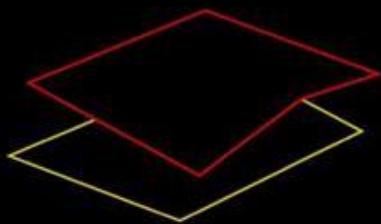
Isaac Ramos (UNEMAT)

Os poemas possuíam versões, conforme proposta do Poema Processo, e eram cromatizados no computador. Não se tratava de um processo puramente de colorização e sim de (re)produção, (re)criação e (re)composição de matizes poéticos e texturas gráfico-composicionais. Um trabalho bem organizado, que incluía acervo do poeta e sobre o poeta realizado por Regina Pouchain. Ela foi uma das responsáveis pela operacionalização, compilação e cromatização dos trabalhos de Wladimir Dias-Pino.

surgiu em Mato Grosso de forma intensiva”. Ele foi o principal homenageado com uma exposição considerável. Alguns dos maiores estudiosos do país se fizeram presentes.



WLADEMIR DIAS-PINO



Mas o último contato mesmo que tive com as obras de Wladimir Dias-Pino foi na 32ª Bienal das Artes, em 2016, em São Paulo. Eu estava indo participar de um congresso da AFROLIC (Literatura Africana), em Recife. Planejei uma parada na capital paulista para assistir a turnê “The End” da minha banda de rock favorita, Black Sabbath, e para ver a exposição do Wladimir, na Bienal. No começo desse mesmo ano ele teve uma grande exposição no MAR (Museu de Arte do Rio), denominada “O poema infinito de Wladimir Dias-Pino” e ganhou o prêmio de melhor Artista Visual pelo jornal *O Globo*.

E agora partiste, poeta. Na minha retina plasmática de poeta e pesquisador vejo matizes dos seus inumeráveis trabalhos, que se amalgamam e mostram diferentes versões. Tua enciclopédia visual infinita não se completou. Mas teu reconhecimento como grande artista que foi, um dia será completado. A ave só lida com a solidão do reconhecimento do voo. Teu voo é imagético e poemático. A literatura agradece pela sua existência e pela arte que deixaste. Tua arte viverá em nós. É preciso rediscutir a historiografia literária a partir da refutação do cânone da centralidade. É preciso torcer o cânone para outros focos e espaços. Nele terás ninho e pouso seguro.

A primavera wlademiriana vingará e será luz e cor!

Regina Pouchain, além de ter cuidado e ser responsável pelo espólio da obra de Wladimir Dias-Pino, realiza trabalhos fotográficos muito interessantes, que merecem ser conhecidos. Destaco seus fotopoemas. Anos mais tarde, alguns desses e outros inéditos fariam parte do livro *Provenientes do azul* (2015).

Penso ser fundamental a parceria que Wladimir Dias-Pino fez com Regina Pouchain. Um dos resultados disso constatei na arte do convite e do cartaz da exposição ocorrida no Salão Oi Futuro, de 8/09 a 02/11/2008, na cidade do Rio de Janeiro. Na ocasião, eu cursava o doutorado na USP. Fui ver a abertura da exposição *Contrapoemas anfipoemas*, que teve curadoria de Adolfo Montejo Navas e Alberto Saraiva. Destaco o cartaz de divulgação que, acrescentando ao que aparecia no convite, trazia mais oitenta versos como se fosse uma espécie de “Manifesto”.

Lembro-me de duas imensas colunas, contendo cada uma 40 versos e as palavras-chave “luz” e “cor” se faziam presentes em todos eles: – *do que toda a cor que tem luz /– se bastando em cor que produz luz/ – a que é de toda cor à beira do seu limite luz (...)*. As palavras “luz” e “cor” representam e simbolizam a força motriz das artes plásticas, da escultura, da fotografia, da dança e, sobretudo, de toda a poética visual produzida nos séculos XX e XXI.

A última vez que tive contato pessoal com Wladimir Dias-Pino, foi em 2015. Era um evento em que fui convidado como conferencista, na UFMT, dentro do Setembro Freire, promovido pela Fundação Casa Silva Freire. Denominava-se Seminário Poéticas de Vanguardas: Resistências, Dissidências. O título da minha fala foi “Wladimir Dias-Pino e Silva Freire: a vanguarda que



O Último Voo

Isaac Ramos

Partiu em voo infinito Wladimir Dias-Pino!...
O poeta das cores, do designer gráfico,
Das Caligrafias, do Intensivismo, da Poesia Concreta,
Do Poema Processo, do Humor da linha,
Dos Poemas Desmontáveis (antes mesmo das caixas-poema),
Das Escritas Arcaicas, das Vinhetas Gráficas,
Dos Perfis das Mulheres, das Latências da poesia,
Dos Contrapoemas e Anfipoemas,
Das Bienais de Arte e da imensa Enciclopédia Visual.

Foi uma ave de arribação dentro de sua cor
E mostrou Cuiabá no centro geodésico da Literatura.
Sabia de cor a lida das artes gráficas.
Foi vanguarda em estado de permanência.
Nas Febres do capricho do Concretismo,
Esse poeta designer tirou de letra toda vaidade.
Metaforicamente, viu “A fome dos lados”
E criou “A máquina que ri”.
Na lida do dia-a-dia, do poema visual,
Wladimir Dias-Pino era um sol.

Colocou no mapa das revistas “O Arauto de Juvenília”,
As serigrafias de “Sarã”, que preparou o Intensivismo.
Em dado momento, pelas mãos de Silva Freire,
Bugrinho parceiro e neobarroco,
Pousou na “Revista Movimento” da UNE,
Nos idos da década de 50.

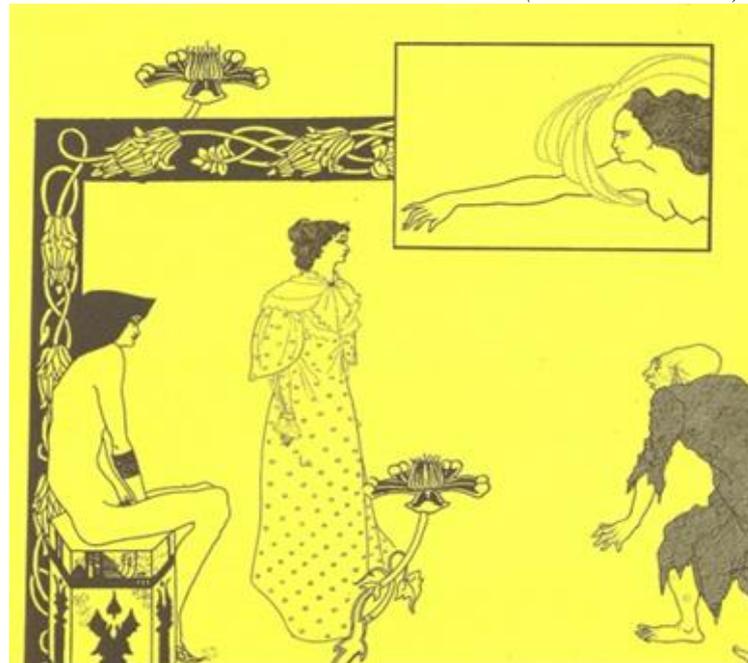
“A Ave” mítica preparava o voo do livro de artista.
Foi soberano na arte poética visual,
De forma sólida preparou SOLIDA.
Formou escola intensivista.
Compôs o grupo concretista.
Foi pioneiro no Poema-Processo.
Produziu poemas em matrizes.
Tudo nele foi “Numéricos”.
Partes de um todo.
“Processo: linguagem e comunicação”.

Perto do final do poema,
Penso “Naquele flutuar das escritas caligramas”.
Não é “A máquina ou a coisa em si”.
Talvez seja “A lisa escolha do carinho”,
Ou a sutileza das “Caixas transparentes”,
Ou a graça das “Silhuetas femininas”,
Ou a história do projeto gráfico-poético,
Ou a Pré-história da vanguarda poética brasileira
Como uma leitura projetada nos labirintos do silêncio,
Talvez seja a separação entre escrever e inscrever,
Talvez seja a esperança
Para “converter em luz para si mesma a cor”.
Não sei!...
Sei apenas que partiu das transparências à escultura.
Wladimir tem uma “cor que lhe permite luz”.
Essa luz é a literatura!

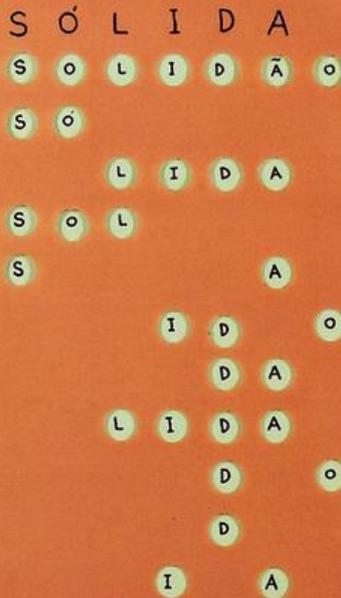
A Lisa Escolha do Caminho

Walnice Vilalva (PPGEL/UNEMAT)

Ali onde víamos o verso; ali onde tão somente a palavra, muitas vezes cansada ou acanhada pelo peso de seu significado, aspirando o exílio (senão absoluto) como condição. Logo ali, na página, na folha em branco (ou no livro), a palavra cumpre o ritual pelo avesso, decompondo-se perde-se em sua unidade de significação e reconfigura-se em um novo processo que, duplamente, decompõe e compõe (da palavra para sílaba, letras, fonemas, em múltiplas formas). Nesse processo (de) composição, a angústia do “fazer” do poeta para desdobrar o “velho sentido”, retido como nódoa. Todos os métodos experimentais constituem-se no meio, uma vez de se tornarem fins em si mesmo: a angústia da criação. É nesse limite que se impõe a poesia de Wladimir Dias-Pino. Sólida. É acusativa da solidez de sentido que cada palavra abriga, tornando maior o esforço pela decomposição. Perpetrar uma audácia. A audácia do poeta. Sólida é a busca de Wladimir Dias-Pino por uma arte. Não apenas a palavra, nem somente o papel, a folha que não precisa ser mais branca para uma letra que se faz em todas as cores, até se tornar só cor, nem letra, nem palavra.



O princípio da falta, da voz que cessa, do silêncio como abismo e cotidiano, duplamente, o longe e o perto, a luz e a sombra, abrindo caminho para um campo de movimento contínuo e experimental. A apreensão da experiência, como ato poético, é analógica. A analogia em seu princípio primitivo (como defende Cortázar) faz-se, caudalosamente, poesia visual.



"Porque toda poesia é fundamentalmente imagem" que se transforma num instrumento encantatório, inaugurando uma relação privilegiada do homem com o mundo. A imagem como experiência poética. Wladimir Dias-Pino compõe essa busca irrestrita pela imagem inaugural, seja "Naquele flutuar das escritas caligramas", seja como "Febres do capricho". A imagem inaugural impregnada de urgência impõe uma força contínua e inalienável, ao imprimir o encontro entre as artes visuais. A perspectiva gráfica ora com fundo colorido, ora com fundo branco, subordinando diferentes graus de profundidade, diferentes planos e intensidade; na reiterada relação com a pintura, a fotografia, a escultura, fundindo as fronteiras entre as artes, abrindo caminho para novas formas de expressão poética.

Na poesia visual de Wladimir Dias-Pino, o efeito estético do contraste vem pelas cores, entre fundo e contorno, sobrepondo o olhar tenso, carregado de expressão, de silêncio e autoridade, denunciando "A lisa escolha do carinho", --que bem poderia ser caminho. Procedimento intersemiótico que explora a linguagem em seus extremos. As várias fases do Poeta, a poesia de vanguarda, do poema-livro, "A Ave", de 1953, da poesia concreta, passando pelo intensivismo, poesia processo, chegando ao gigantesco projeto da enciclopédia visual. A poesia é um ato de amor do Poeta. Wladimir Dias-Pino fez da vida uma constante pela arte. Em cores, gráfico, palavra, silêncio, densidade, a imagem abriga o amor do Poeta pela criação. Incansavelmente.